



A influência da tecnologia nas práticas informais de aprendizado musical na oficina de música do projeto PIBID/UEMG

Fernando Macedo Rodrigues¹

Categoria: Comunicação

Resumo: Este texto é um recorte da pesquisa de Doutorado do autor, na qual discutiu-se os processos de aprendizagem não-formal e as práticas informais de aprendizagem musical, na oficina de música do projeto PIBID/UEMG, em uma escola pública de ensino médio de Belo Horizonte. Utilizando a metodologia da pesquisa qualitativa e coleta de dados a partir de observações, questionários, entrevistas, foi possível levantar as opiniões e concepções dos participantes sobre as atividades musicais desenvolvidas durante o ano letivo de 2014. O foco no presente trabalho trata da utilização da tecnologia no aprendizado musical dos participantes, notadamente na prática em conjunto; e ainda propõe discutir como esta tecnologia influenciou as características do aprendizado informal, conforme descrito por Green (2008). Observou-se que a Internet ampliou as possibilidades de acesso aos materiais, compartilhamento e troca de informações, facilitando o aprendizado musical.

Palavras-chave: Aprendizado Informal; Oficina de Música; PIBID; Tecnologia; Escola Pública

Title of the paper in English: The influence of technology on the informal practices of musical learning in the music workshop of PIBID/UEMG

Abstract: This text is a section of the author's doctoral research, in which the non-formal learning processes and the informal practices of musical learning in the music workshop of the PIBID/UEMG project were discussed in a public high school in Belo Horizon. Using the methodology of qualitative research and data collection from observations, questionnaires and interviews, it was possible to raise the opinions and conceptions of the participants about the musical activities developed during the academic year of 2014. The focus in the present paper deals with the use of technology in the musical learning of the participants, notably in the group practice; and further discusses how this technology influenced the characteristics of informal learning as described by Green (2008). It was observed that the Internet expanded the possibilities of access to the materials, sharing and exchange of information, facilitating the musical learning.

Keywords: Informal Learning; Music Workshop; PIBID; Technology; Public school

¹ Doutor em Educação Musical, Universidade do Estado de Minas Gerais, Escola de Música, fernando.rmus@hotmail.com



Introdução

O texto a seguir é um recorte de uma pesquisa de Doutorado² na qual foram discutidos os processos de aprendizagem não-formal e as práticas informais de aprendizagem musical na oficina de música do projeto PIBID/UEMG³ em uma escola pública de ensino médio de Belo Horizonte (Estado de Minas Gerais – Brasil), no ano de 2014.

O objetivo geral foi investigar as interações dos sujeitos, suas motivações, estímulos, relações interpessoais e com os processos de aprendizagem, que envolveram tanto o ensino não formal quanto as práticas informais. Até que ponto estas duas abordagens podem trabalhar concomitantemente de forma a propiciar um estímulo à prática e à aprendizagem musical em um contexto de uma escola pública de ensino médio?

A pesquisa procurou observar e compreender os processos utilizados na adaptação da aprendizagem não formal e das práticas informais na escola, e para tanto, foi necessária uma aproximação com os alunos da Escola Pública escolhida. Este procedimento conduziu o processo de investigação para um estudo qualitativo ou naturalístico. Dentre as características deste modelo de pesquisa podemos destacar que “o foco está no processo, no entendimento e no significado, e o pesquisador é o principal instrumento para coleta e análise de dados” (MERRIAM, 2014, p.14). Para a coleta de dados foram utilizadas técnicas como a observação participante (MASON, 2002), questionários (LAVILLE; DIONNE, 1999), anotações de campo e análise documental, entrevistas (STAKE, 2011; MERRIAM, 2014) e relatos de histórias de vida (SILVA, 1995). Parte das atividades foi gravada em áudio e vídeo para posterior análise de dados (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2003; GASKELL, 2003).

O formato de oficina (FERNANDES, 2000) foi o escolhido por ser flexível e permitir alterações nas atividades previamente planejadas, caso necessário, e também pelo fato da escola disponibilizar três horas no turno da tarde, nas sextas-feiras, para o projeto. Os

² RODRIGUES, Fernando M. As “Práticas Informais” e o “Aprendizado Não Formal” na oficina de música do projeto PIBID/ESMU/UEMG. Tese de Doutorado. Escola de Música. Universidade Federal de Minas Gerais. 2018. 255p. A pesquisa teve o auxílio do programa PCRH – UEMG/FAPEMIG.

³ PIBID/UEMG - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/Escola de Música da Universidade Estadual de Minas Gerais.



alunos do turno da manhã poderiam participar das atividades da oficina à tarde, no contra turno escolar. Devido à extensão do horário disponibilizado pela escola, houve a necessidade da sua divisão em três etapas, com a duração média entre 45min à 60min cada, da seguinte forma: Primeira parte: dinâmicas em grupo com o objetivo principal de integrar os participantes; Segunda parte: aulas de instrumento, a partir da solicitação dos alunos que já tocavam, ambas as atividades associadas com o aprendizado não formal (PRICE, 2012); Terceira parte: a prática em grupo, momento no qual as práticas informais (GREEN, 2008) foram exercitadas.

A equipe responsável pelo projeto teve a seguinte composição: um professor Coordenador, um professor Supervisor, um professor Colaborador (este pesquisador) e cinco bolsistas, alunos do curso Licenciatura em Música com Habilitação em Instrumento ou Canto (LIM) da ESMU. A experiência desses bolsistas foi fundamental para a estruturação da oficina, pois parte das atividades, como as aulas de instrumento e prática em grupo, foram planejadas a partir das suas habilidades e conhecimentos.

Será abordado neste artigo a influência da tecnologia no aprendizado musical dos participantes da pesquisa (bolsistas e alunos), antes e durante as atividades no terceiro momento da oficina; e de forma específica, como esta tecnologia influenciou as características do aprendizado informal, inicialmente discutidos por Green (2001, 2008).

O contexto da pesquisa

De acordo com a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), uma fundação do Ministério da Educação do Governo Federal Brasileiro, o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) é um programa que “concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino” (CAPES, 2016)⁴. Os projetos buscam inserir os estudantes no contexto escolar através do desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas sob a orientação de um professor Coordenador da Universidade e de um professor Supervisor proveniente da Escola Pública.

⁴ <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capesPIBID>



Através de um convênio firmado entre a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), a CAPES e a Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, o projeto do PIBID/UEMG iniciou suas atividades no mês de agosto/2012 com a proposta contratual de duração até fevereiro de 2018 (SILVA, 2014a, p.13).

A Escola Estadual⁵ escolhida para a pesquisa localiza-se na região norte de Belo Horizonte, e possui as seguintes características socioeconômicas: baixa renda per capita; alto crescimento populacional; baixo nível socioeconômico e de qualidade de vida, além de altos índices de violência⁶. Apesar de não possuir dados conclusivos, podemos considerar uma possível relação entre estes índices e a evasão ocorrida ao longo do projeto.

A escola possuía um amplo espaço físico oferecido para o projeto, o que facilitava a divisão dos alunos em grupos nos diversos locais. A escola disponibilizou alguns instrumentos de percussão para a oficina de música, além de uma caixa amplificadora, um projetor e um microfone.

Todos os 482 alunos do turno da manhã foram convidados a participar da oficina e não foi exigido nenhum teste de aptidão como pré-requisito. Destes, 89 demonstraram interesse, e no início das atividades 28 alunos compareceram. Os principais motivos alegados pelos alunos desistentes foram: mudança de escola; motivos pessoais; necessidade de trabalhar e frequência em outro curso no horário da oficina.

Durante o desenrolar das atividades, o número de participantes teve uma queda de 28 para 20 alunos, em média, e esta frequência sofreu variações durante todo o ano de 2014. Havia um público “flutuante” que praticamente visitava os colegas, traziam seus instrumentos, tocavam algumas músicas, participavam das atividades, e às vezes voltavam depois de um longo tempo. A média de idade entre os alunos mais assíduos da oficina girava em torno dos dezesseis anos.

Através da distribuição de um questionário para os 20 alunos mais frequentes, levantamos dados a respeito do perfil musical destes participantes. Alguns alunos já demonstravam certo conhecimento musical, cantando e/ou tocando. Quanto à prática

⁵ Por questões éticas e com o intuito de preservar as opiniões dos participantes, não será mencionada o nome da Escola Estadual.

⁶ Fonte: <http://www.nossabh.org.br/indicadores/i0906.html> Acesso em 04/03/2016.



instrumental, além daqueles que declararam tocar um instrumento, houve um pequeno número que relatou ter experiência prática em mais de um instrumento. Os instrumentos que eles declararam saber tocar foram: bateria, contrabaixo, violão/guitarra, teclado/piano, flauta e percussão.

Em relação às suas preferências musicais, uma grande variedade de estilos foi mencionada. Eles citaram Blues, Rock, Jazz, Hip-Hop, Música Clássica, MPB, Sertanejo, Axé, Pop Nacional, Rock Nacional, Funk (Brasil), dentre outros. Os alunos relataram que obtinham suas músicas principalmente fazendo o *download* através da Internet e/ou através do compartilhamento com os colegas de arquivos via *Bluetooth*, e a grande maioria escutava suas músicas preferidas no telefone celular. A prática musical não era regular para a maioria dos alunos e somente três deles declararam que participavam de uma atividade musical semanalmente.

Os cinco bolsistas do curso ESMU/LIM participantes da pesquisa apresentavam o seguinte perfil: dois deles eram mais experientes com o repertório erudito e três deles com o repertório de música popular; dois deles tocavam apenas violão; outro tocava violão e guitarra, uma bolsista tocava flauta doce e transversal, além de piano, e outro bolsista cantava, tocava violão, percussão e cavaquinho. Todos eles já atuavam como professores de música, principalmente de instrumento, em aulas ou em escolas de música particulares.

No final do projeto foi realizada uma entrevista semiestruturada com os 16 alunos que foram assíduos durante todo o ano e com os cinco bolsistas, na qual eles puderam expor suas concepções, opiniões e sugestões acerca das atividades desenvolvidas.

Práticas Musicais na Oficina

Neste texto vamos destacar as atividades referentes ao terceiro momento da oficina, a adaptação e aplicação das práticas informais de aprendizado musical, a partir dos sete estágios propostos por Green (2008). De acordo com a autora cada estágio possui duas ou mais características da aprendizagem informal. São elas:

O uso de música que os alunos escolhem, gostam e se identificam; aprendendo ouvindo e copiando gravações; aprendendo com os amigos; engajar-se em uma aprendizagem pessoal, muitas vezes desordenada, sem orientação estruturada,



e integrando escuta, execução, improvisação e composição em todos os aspectos do processo de aprendizagem (GREEN, 2008, p.23).

A primeira atividade propôs uma imersão na prática informal estimulando os alunos o exercício o mais próximo possível das características descritas acima (GREEN, 2008, p.25). Na segunda atividade foi solicitado aos alunos a escolha de uma música conhecida que continha um ou mais *riffs*⁷, o quê, segundo a autora, pode auxiliar o aprendizado musical. A terceira atividade foi simplesmente uma repetição da primeira, como sugerido por Green (2008), com o objetivo de dar aos alunos a chance de desenvolver as habilidades adquiridas nas atividades anteriores. Na quarta etapa, denominada composição informal, os alunos foram convidados a compor uma música ou um trecho musical baseados naquilo que aprenderam nos estágios anteriores (GREEN, 2008, p.26).

Em todas as etapas o processo foi o mesmo, os alunos escolheram as músicas que gostariam de tocar, havendo depois a separação em grupos. Todos tiveram a liberdade de escolher em qual grupo participariam. Em seguida foi solicitado a eles atividades como tirar a música escolhida de ouvido; adaptar esta música para a formação instrumental do grupo; ensaiar e tocar a versão final para os colegas. Cada etapa teve a duração de quatro encontros, em média. O objetivo foi aplicar, no contexto da escola, as práticas informais, de acordo com Green (2001; 2008), de maneira mais próxima possível de como elas acontecem numa situação musical real.

Na quinta etapa Green (2008) propõe oferecer aos alunos um contato mais próximo com músicos mais experientes, através de oficinas e/ou de alguma atividade específica. O objetivo é conhecer o funcionamento de um grupo de músicos populares, como compõem, como ensaiam e como se relacionam com a música no seu dia-a-dia, além de ouvir sobre as perspectivas acerca do fazer musical (GREEN, 2008, p.27). Esta etapa foi realizada parcialmente, pois dois dos bolsistas que atuavam em shows e apresentações de forma regular sempre conversavam sobre como se preparar para tocar uma música, em relação aos ensaios, apresentações, etc.

⁷ De acordo com França (2012) o termo “*riff*” refere-se “a um motivo marcante que geralmente aparece na introdução e se repete durante a música, conferindo-lhe identidade” (FRANÇA, 2012, p.74).



Os estágios 6 e 7 não foram aplicados na oficina de música por falta de tempo hábil para a realização dos mesmos.

Discussão acerca das características da aprendizagem informal

No âmbito da pesquisa foram considerados os aprendizados tanto na oficina de música, quanto nos momentos anteriores à mesma. A maioria dos participantes citou a utilização da Internet, e de forma específica, o acesso aos sites Cifraclub e Youtube como meio de auxílio na busca por informações sobre como tocar uma música desejada.

Observando os recursos utilizados podemos notar que a Internet colaborou sobremaneira com o aprendizado inicial do instrumento, fornecendo acesso às informações e esclarecendo dúvidas acerca da execução musical. Notou-se também que mesmo com estas informações e com as possibilidades de manipulação dos vídeos, como a facilidade de assisti-los quantas vezes forem necessárias, no local e na hora mais adequadas, muitos alunos procuraram os bolsistas para a solução de dúvidas. Este fato nos leva a conclusão que os materiais acessados pelos alunos foram elaborados para um público geral e amplo, que se imagina possuidor de um conhecimento necessário para o entendimento das informações disponibilizadas. Mas mesmo assim estas informações não possuem um detalhamento maior que evite dúvidas nos visitantes dos sites. Não foi objetivo desta pesquisa qualificar ou quantificar as informações oferecidas pelos sites Cifraclub ou Youtube, mas apontar para a utilização deste tipo de ferramenta como um recurso para o acesso à aprendizagem de músicas.

Com o advento da tecnologia, aparelhos e meios de comunicação, observamos a necessidade da atualização dos conceitos de Green (2001, 2008) acerca das características do aprendizado informal acrescentando a possibilidade de utilização de recursos provenientes da Internet, a saber:

1 – Geralmente começa com a música que os próprios aprendizes escolheram (GREEN, 2008, p.10);

De acordo com os depoimentos, os alunos e bolsistas que aprenderam informalmente escolheram as músicas que gostariam de tocar. Estas músicas foram



provenientes de diversas fontes⁸ e neste caso podemos observar que a Internet proporcionou um aumento nas possibilidades de acesso a uma grande quantidade de músicas, seja através de plataformas de compartilhamento como o 4shared (<https://m.4shared.com/>) ou através de sites como: Conexão Mp3 (www.Conexãomp3.com), Palco Mp3 (www.Palcomp3.com)⁹, etc.

Podemos acrescentar que durante a elaboração deste trabalho observou-se um crescimento da rede de *streaming*¹⁰ de vídeos e músicas nas quais podemos ter acesso a milhões de vídeos e músicas instantaneamente. Apesar da grande quantidade de músicas disponibilizadas, existe a possibilidade de não encontrar uma determinada música nestas plataformas. Nenhum aluno ou bolsista mencionou a utilização destes sites na busca por uma música desejada, mas o destaque é necessário devido a grande quantidade na oferta de músicas atualmente, o que pode influenciar na escolha e no acesso às músicas desejadas.

2 – “O principal método de aquisição de habilidades envolve a cópia de gravações de ouvido” (GREEN, 2008, p.10), ou processo de “tirar músicas de ouvido” a partir de uma referência de áudio;

De acordo com os bolsistas e alunos, o processo de tirar músicas de ouvido foi considerado difícil para quem está no estágio inicial de aprendizado, sendo necessária certa prática ou algumas “dicas” de pessoas próximas que já conheçam este procedimento para que o aprendiz consiga tirar algumas informações de ouvido da música que deseja.

As músicas escolhidas por eles, tanto na época do aprendizado quanto nas atividades da oficina, foram compartilhadas com os colegas no formato de Cd's, via Bluetooth e Whatsapp, foram escutadas através da divisão dos fones de ouvido do celular

⁸ No caso dos participantes da oficina o compartilhamento de arquivos através da conexão Bluetooth e o *download* de músicas da Internet foram as categorias mais citadas.

⁹ Nomes dos sites citados nas respostas ao questionário dos alunos.

¹⁰ A tecnologia streaming é uma forma de transmissão instantânea de dados de áudio e vídeo através de redes. Por meio do serviço, é possível assistir a filmes ou escutar música sem a necessidade de fazer download, o que torna mais rápido o acesso aos conteúdos online.” Como principais fontes podemos citar os sites www.netflix.com.br (vídeos). Fonte:

<http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2013/05/conheca-o-streaming-tecnologia-que-se-popularizou-na-web.html> Acesso: 03/11/2017.

Dentre os sites mais populares que oferecem músicas podemos citar: Deezer (www.deezer.com.br); Spotify (www.spotify.com.br); Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/software/121251-pocket-9-melhores-apps-streaming-musica.htm> Acesso: 03/11/2017.



ou diretamente no computador por meio do acesso a algum site de músicas, nos mais diferentes formatos oferecidos como Mp3, Wave, etc. (SILVA, 2014b)

Todos eles mencionaram que acessam a Internet na busca por informações sobre como tocar uma música e a maioria declarou que através dos sites Cifraclub e Youtube conseguiam assistir vídeos com demonstrações de pessoas tocando e/ou ensinando como tocar uma música, no formato de vídeo-aulas (GOHN, 2003). Como a quantidade de informações sobre como tocar está sempre aumentando na Internet, a prática de tirar músicas de ouvido como único recurso para se tocar uma música ou um trecho musical pode estar em declínio, vindo a ser utilizada como último recurso a ser empregado.

3 – “O aprendizado acontece de maneira individual ou com amigos através do auto aprendizado, aprendizado dirigido por pares e aprendizado em grupo” (GREEN, 2008, p.10).

Com a sua popularização, a Internet possibilitou entre outras coisas a interação de pessoas que estão fisicamente distantes (CERNEV, 2015; GOHN, 2008, WALDRON, 2012). Esta interação pode ser entendida nas seguintes situações:

- 1) Desde uma simples observação de um vídeo postado no Youtube;
- 2) Através de conteúdos oferecidos de graça como blogs e fóruns nos quais há a possibilidade de conversar com outras pessoas através de mensagens e e-mails;
- 3) Através dos conteúdos pagos exclusivos para assinantes, no próprio Youtube ou em outros sites, onde o aprendiz pode enviar sua sugestão, opinião ou dúvida e dialogar com a pessoa proprietária da página ou site através de mensagens e/ou e-mails;
- 4) Em aulas através da conexão de vídeo como no Skype¹¹ (PAARMANN, 2016) quando o aprendiz pode conversar em tempo real com um amigo/colega, tutor ou professor que pode estar em outra cidade ou até em outro país (GOHN, 2015).

Sendo assim, além da possibilidade de interação com as pessoas próximas para o esclarecimento de dúvidas, o aprendiz conta com a disponibilidade de contato, através da

¹¹ <https://www.skype.com/pt-br/> Acesso em 05/11/2017.



Internet, com várias pessoas distantes fisicamente. Caso ele possua um entendimento da língua inglesa, ele poderá entrar em contato com pessoas de outros países ampliando exponencialmente as possibilidades de interação para fins de um aprendizado musical.

4 – “Habilidades e conhecimentos tendem a ser assimilados de forma confusa, aleatória, idiossincrática e holística - partindo do todo, e com exemplos musicais retirados do ‘mundo real’” (GREEN, 2008, p.10).

Os alunos e bolsistas declararam que no momento do seu aprendizado buscavam informações nos lugares e com os recursos disponíveis sobre como tocar uma música que eles desejavam. Desta forma eles sempre tinham como ponto de partida uma música, ou trecho musical que eles tinham escutado e gostado, e que foi retirado de um repertório conhecido e reconhecido, ou seja, partiam da música como um todo, de modo semelhante descrito por Green (2008). A Internet ampliou as possibilidades de compartilhamento de músicas e o acesso a uma grande quantidade de músicas disponibilizadas, como comentado anteriormente, fazendo com que o aprendiz tenha mais opções para escutar, escolher e aprender.

No caso do Youtube, onde há uma grande quantidade e variedade de vídeos, o aprendiz possivelmente não saberá distinguir aquele que apresenta um conteúdo com uma explicação mais clara de algum outro, menos elaborado, menos eficiente, ficando a seu critério optar por qualquer um dos vídeos disponibilizados. Dependendo da sua escolha, o vídeo selecionado poderá confundir o aprendiz invés de esclarecer sua dúvida, dificultando o seu aprendizado. Esta escolha pode ser feita também através de indicações de colegas e amigos que já assistiram e gostaram de um determinado vídeo sobre a aprendizagem.

5 – “Envolve uma profunda integração entre escuta, performance, improvisação e composição em todo o processo de aprendizagem” (GREEN, 2008, p.10).

No aprendizado musical dos alunos e bolsistas observou-se esta integração. Durante a aprendizagem estes processos alternavam-se de maneira que em determinados momentos predominava a escuta, em outros a performance, e assim sucessivamente.

Um bolsista relatou que, comparando sua experiência de colégio e a oficina de música, houve uma diminuição no interesse por parte dos alunos em formar um grupo e/ou bandas para tocar as músicas preferidas e participar de atividades musicais.



Este fato foi comprovado a partir das repostas dos vinte alunos sobre sua prática musical anterior à oficina. Dezoito alunos responderam que não participam de nenhuma banda e dois participam de um grupo musical, sendo que um deles toca violão há dois meses e outro aluno toca bateria há dois anos.

No caso da formação de grupos podemos comentar que a falta de novos grupos como referências e a valorização dos artistas individuais podem ser fatores desestimulantes para os alunos, mas não possuímos dados que confirmem esta suposição. O fato é que os alunos gostaram de tocar em grupo durante todas as atividades realizadas na oficina, mas não foi demonstrado por eles um desejo de formar um grupo com os colegas para tocar as músicas que gostam.

Conclusão

Na prática em grupo a ênfase era tocar um repertório escolhido pelos alunos. Eles deveriam tentar “tirar estas músicas de ouvido”, ensaiar com seus grupos e posteriormente apresentá-las aos demais integrantes da oficina. Esta possibilidade deixou os alunos interessados e motivados, pois poderiam aprender a tocar as músicas que gostavam, junto aos colegas, além de também aplicar aquilo que foi aprendido no momento anterior (esclarecimento das dúvidas sobre alguma música/trecho musical).

O processo de “tirar músicas de ouvido” foi considerado difícil pelos alunos e todos precisaram do auxílio dos bolsistas para solucionar alguma dúvida. Mesmo diante desta dificuldade, este exercício mostrou-se efetivo para aprendizagem e aprimoramento da audição. Os participantes que já haviam praticado anteriormente esta atividade reconheceram que com o passar do tempo e a persistência no exercício, era possível “tirar” cada vez mais informações da música, ou seja, aprimorar o reconhecimento dos sons e sua equivalência no instrumento.

A tecnologia esteve presente em todas as etapas da oficina de música e de forma surpreendente pudemos constatar sua crescente influência nas atividades realizadas. A partir de dispositivos cada vez mais acessíveis e potentes, a aquisição, a escuta e o compartilhamento de áudios, vídeos e toda e qualquer informação sobre música foi extremamente facilitado. Ampliaram-se as possibilidades de acesso aos materiais que



podem auxiliar o aprendizado musical. Os sites Cifraclub e Youtube foram amplamente mencionados como exemplos deste movimento. Um recurso importante salientado é que nestes sites pode-se ver e rever partes ou todo o vídeo quantas vezes forem necessárias, sendo o entendimento do conteúdo, desta forma, facilitado. Além disso, através de links das redes sociais ou canais próprios, há a possibilidade de interação com pessoas distantes fisicamente e que possivelmente nunca poderiam se encontrar. Antes se aprendia com colegas, vizinhos, pessoas próximas, mas agora além destes contatos é possível conversar e interagir com pessoas de qualquer lugar do mundo, bastando ter um equipamento adequado.

Este ambiente virtual continua em expansão e a cada dia novos materiais direcionados para a prática musical são postados em sites e redes sociais, ampliando exponencialmente as possibilidades de acesso, troca de informações e aprendizagem. Devemos salientar que as respostas aqui descritas foram dadas no ano de 2014, quando foram aplicados os questionários e as entrevistas. Com o rápido desenvolvimento da Internet e dos dispositivos eletrônicos, bem como a popularização do acesso a estas tecnologias, as respostas poderiam apresentar diferenças, se as perguntas fossem feitas atualmente.

Referências

- CERNEV, Francine. K. **Aprendizagem musical colaborativa mediada pelas tecnologias digitais: Motivação dos alunos e estratégias de aprendizagem**. Porto Alegre. 243p. Tese de Doutorado. Instituto de Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2015.
- FERNANDES, José. N. **Oficinas de música no Brasil. História e metodologia**. 2ª Ed. Teresina. Ed. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2000.
- FRANÇA, Cecília. C. Riffs forever: O rock na sala de aula. **Música na Educação Básica**, Londrina. v.4, n. 4, p. 70-85, 2012.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som - um manual prático**. 2ª Ed. Petrópolis. Ed. Vozes, 2003. p. 64-89.
- GOHN, Daniel. M. **Auto-aprendizagem musical: alternativas tecnológicas**. São Paulo. Annablume. 2003.
- _____. Um breve olhar sobre a música nas comunidades virtuais. **Revista da Abem**. Porto Alegre. v. 19, p. 113-119, 2008.



- _____. Educação Musical com as tecnologias da EaD. In: SILVA, Helena L.; ZILLE, José A. B. **Música e Educação: Série diálogos com o som**. vol. 2. Barbacena. EdUEMG. 2015. p.157-169.
- GREEN, Lucy. **How Popular Musicians Learn: A Way Ahead for Music Education**. London. Ashgate Publishing, Ltd., 2001.
- _____. **Music, Informal Learning and the School: A New Classroom Pedagogy**. Hampshire/England. Ashgate Publishing Limited, 2008.
- JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin. W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som - um manual prático**. 2ª Ed. Petrópolis. Ed. Vozes, 2003. p. 90–113.
- LAVILLE, Christian.; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber**. Porto Alegre. Ed. UFMG, 1999.
- MASON, Jennifer. **Qualitative researching**. 2nd Ed. London. SAGE Publications, 2002.
- MERRIAM, Sharan. B. **Qualitative Research: A Guide to Design and Implementation**. 2nd Ed. San Francisco/USA. Wiley, 2014.
- PAARMANN, Heraldo. **Jovens guitarristas, aprendizagem autodirecionada e a busca pela orientação musical**. São Paulo. 2016. 147p. Dissertação de Mestrado. Instituto de Artes. Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2016.
- PRICE, David. Non-formal Teaching and Musical Futures. In: D'AMORE, Abigail (Org.). **Musical Futures an approach to teaching music**. 2nd. ed. London. Musical Futures, 2012. p. 44–46. Disponível em: www.musicalfutures.org.uk Acesso: 3 abril. 2017.
- SILVA, Helena. L. O ensino de música no ensino médio: reflexões a partir do Projeto PIBID Música UEMG. **Revista Nupeart**. Florianópolis. Ed. UDESC. v. 12, n. 12, p. 10–21, 2014a.
- _____. Mediando as escutas musicais dos jovens: uma proposta para a educação musical na escola regular. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul/RS. Ed. UNISC. v. 22, n. 1, p. 122–147, 2014b.
- SILVA, Walênia M. **Motivações, Expectativas e Realizações na Aprendizagem Musical: uma Etnografia sobre alunos de uma escola alternativa de música**. 152p. 1995. Dissertação de Mestrado. Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
- STAKE, Robert. E. **Pesquisa Qualitativa: Estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre. Artmed Ed. 2011.
- WALDRON, Janice. YouTube, fanvids, forums, vlogs and blogs: Informal music learning in a convergent on-and offline music community. **International Journal of Music Education**. London. v. 31, n. 1, p. 91–105, 2012.